

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: GUINÉ-BISSAU
17 de Maio de 2024

UDJU AZUL DI YONTA / 1992

(Os Olhos Azuis de Yonta)

um filme de Flora Gomes

Realização: Flora Gomes / **Argumento:** Flora Gomes, Ina César, David Lang e Manuel Rambout Barcelos / **Direcção de Fotografia:** Dominique Gentil / **Guarda-Roupa:** Seco Faye e Teresa Campos / **Música:** Adriano Ferreira / **Som:** Pierre Donnadiou / **Montagem:** Dominique Paris / **Interpretação:** Maysa Marta (Yonta), António Simão Mendes (Vicente), Pedro Dias (Zé), Bia Gomes (Belante), Dina Vaz (Mana), Mohammed Seidi (Amílcar), etc.

Produção: Vermedia (Lisboa), em colaboração com Arco-Íris (Bissau), Eurocreation Production (Paris) e Radiotelevisão Portuguesa (Lisboa) / **Produtor Executivo:** Paulo de Sousa / **Direcção de Produção:** Ângela Cerveira e Ana Costa / **Produtores Associados:** José Luís Vasconcelos e Nicholas Oulman / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 96 minutos / **Estreia em Portugal:** King 3, a 5 de Fevereiro de 1993.

Depois de se ter revelado com **Mortu Nega**, Flora Gomes viu relativamente facilitadas as condições para a realização de **Udju Azul di Yonta**, a sua segunda longa-metragem. E "relativamente" porque, num país de um milhão de habitantes como é a Guiné-Bissau, as ajudas directas do estado nunca poderiam ultrapassar, como referiu o realizador, mais de 10% do orçamento total do filme. Só que o reconhecimento adquirido com o primeiro filme Flora Gomes pôde ver algumas portas abrirem-se, conseguindo que, para além da participação portuguesa, também uma produtora francesa se interessasse, e recolhendo ainda algum capital a partir da venda antecipada do filme aos ingleses da estação de televisão Channel Four. O resultado é, também deste ponto de vista, gratificante: **Udju Azul di Yonia** é, para os "standards" africanos, quase uma superprodução, com um nível técnico acima do que é comum (som, montagem e fotografia são simplesmente notáveis) e sem revelar a mínima falha no campo da produção.

Ninguém melhor do Flora Gomes para o explicar: "Existe a África que chora e a África que ri. A imagem da primeira, parece-me, acabou por ocultar a da segunda. De tal modo que alguns países, na Europa e fora dela, só conseguem ver África como uma terra desolada, triste e imóvel. E é por isso que afirmo, que ainda acontece muitas vezes, que a África ri e muito". É este o "programa", se assim se lhe pode chamar, de **Udju Azul di Yonta**, e comporta em si muita da singularidade do filme: o cinema raramente dá do continente africano uma imagem alegre. É uma atitude extremamente "ocidental", o género de atitude que gera "Live Aids" e outras manifestações semelhantes com que os europeus e não só gostam de aliviar a consciência; Ora Flora Gomes, em vez de "ter pena", prefere celebrar o "outro lado" de África, ou dos africanos, e fazer uma comédia.

Quer isto dizer que **Udju Azul di Yonta** é mais um “filme africano” do que um “filme sobre África”? Pelo contrário, este é um filme fortemente enraizado num lugar concreto (Bissau) e num tempo definido (vivem-se os primeiros tempos da “abertura política”, como se diz no filme). Pode-se mesmo ver no filme de Flora Gomes um espantoso retrato da Bissau “moderna”, da Bissau dos novos tempos. A aposta declarada na ficção e a primazia claramente conferida à narrativa mais não fazem do que salientar um certo fundo documental, que surge assim isento de quaisquer tentações demonstrativas. Para todos os efeitos, **Udju Azul di Yonta** ficará para a posteridade como um documento sobre como se vivia em Bissau, nos primeiros anos da década de 90.

Mas, não subjugando essa vertente, dir-se-ia que o que há ainda de mais exaltante no filme de Flora Gomes é o modo como o cineasta coloca tudo em acção. Através de uma galeria de personagens variadíssima, Flora Gomes vai diluindo o seu já de si ténue fio narrativo, de modo a fazer ressaltar a sua estrutura caleidoscópica, alimentada sobretudo de “momentos”. Neste sentido, pode-se dizer que a narratividade de **Udju Azul di Yonta** provem não apenas de uma só história, mas da diversidade de pequenas histórias que se contam ou ficam em suspenso. No limite, cada personagem é por si próprio protagonista da sua história, de uma história pessoal: há a história de Yonta, da sua paixão não correspondida por Vicente, e da sua dificuldade em “caber” em Bissau; há a história de Vicente, e da cruz que carrega pelas memórias de guerra que o atormentam; há a história do pequeno Amílcar e do seu desejo de um dia vir jogar futebol para Portugal. Flora Gomes apanha estas e outras histórias num pequeno lapso de tempo, como se estivesse a compôr uma série de biografias que, no fim, ficam em suspenso. Ficam em suspenso porque não precisam de nenhuma conclusão: já ficou provado que, em Bissau, as vidas podem ser “normais”, e as emoções e os desejos iguais aos de um europeu, americano ou asiático.

Luís Miguel Oliveira